

OUVIR OS VELHOS, APRENDER COM ELES: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E CONHECIMENTOS DOS ANCIÕES DA TERRA INDÍGENA XOKLENG/LAKLANÕ

Josiane de Lima Tschucambang¹

Resumo: A pesquisa que segue foi realizada na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, localizada no Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina, com anciões da etnia Xokleng/Laklãnõ, entre agosto de 2018 a novembro de 2019. Esse trabalho se deu diretamente em campo, pois os sujeitos da pesquisa vivem em suas comunidades onde também desenvolvem suas culturas. O intuito dessa pesquisa se deu a partir da necessidade de que o pesquisador indígena precisa juntamente com os velhos serem protagonista de suas histórias, ouvir histórias como forma de aconselhamento, que nos remetem a um passado nostálgico e ao mesmo tempo, sentir a responsabilidade enquanto integrante da mesma comunidade em repassar as experiências vividas por eles e pelos ancestrais.

Palavras-chave: Etnosaberes; Anciões Xokleng/Laklãnõ; Memórias; Resistência.

¹ Pesquisa apresentada a Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obter o título de Licenciada em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação do Professor Dr. Josué Carvalho.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10..... dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13:00 horas, na Sala 11 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Yone Carvalho e Presidente, Professor Ediorges Costa Reis e Professor, Silvia Maria de Oliveira Membro da Banca, e Professor, Silvia Maria de Oliveira Membro, designados pela Portaria nº 14. 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Ediane de Lima Tschucambong subordinado ao título: " Dois povos, a memória com eles: Memórias e histórias e conhecimentos dos avulsos do Tema Indígena Laklani xokleng/ Laklani".
Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Ediorges Costa Reis a nota final 3,0, do Professor Silvia Maria de Oliveira a nota final 3,0, e do Professor Yone Carvalho a nota final 3,0; sendo aprovado com a nota final 3,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 10 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Yone Carvalho

Prof. Ediorges Costa Reis

Prof. Silvia Maria de Oliveira

Candidato Ediane de Lima Tschucambong



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) JOSIANE DE LIMA TSCHUCAMBANG, matrícula n.º 16105952, entregou a versão final de seu TCC cujo título é OUVIR OS VELHOS, APRENDER COM ELES: Memórias, histórias e conhecimentos dos anciões da Terra Indígena Laklãñõ, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Orientador(a)

Ficha Catalográfica

de Lima Tschucambang, Josiane
OUVIR OS VELHOS, APRENDER COM ELES : MEMÓRIAS, HISTÓRIAS
E CONHECIMENTOS DOS ANCIÕES DA TERRA INDÍGENA
XOKLENG/LAKLANÕ / Josiane de Lima Tschucambang ;
orientador, Josué Carvalho, 2020.
39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Etnosaberes. 3. Anciões Xokleng/Laklãnõ . 4.
Memórias . 5. Resistência. I. Carvalho, Josué. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

Introdução

Sou Josiane de Lima Tschucambang da etnia Xokleng/Laklãnõ. Tenho 35 anos, casada há 15 anos com Canan Tschucambang, e juntos temos 03 filhos, Eduarda wanhkyl kágfej de Lima Tschucambang com 13 anos, Yhuna Astrid de Lima Tschucambang 11 anos e Mõgjãg Eduardo Tschucambang de 05 anos. Vivo na terra Indígena Laklãnõ/Xokleng desde que nasci, minha mãe *Vaica* de Lima é indígena Xokleng com descendência Kaingang e Guarani da parte de meu avô Aristides *Criri*, oriundo da Terra Indígena Apucarantina no estado do Paraná. Meu avô contava que chegou na Terra Xokleng/Laklãnõ ainda bebê de colo com meus bisavôs, *Janguinho* e *Kavam* e já minha avó *Uglon Clendo* é nativa dessa etnia e da Terra Indígena, veio da mata com seus pais. Meu pai é José de Lima filho de não indígena, mas que foi criado pelos indígenas Ndili Monconã e Cocta Monconã. Veio do município de Manoel Ribas no estado do Paraná e desde que chegou à Terra Indígena Ibirama, com 04 anos de idade, permanece nela. Meu pai é de descendência italiana e polonesa, pois minha avó Jovita Bueno da Silva se casou com meu avô Cesar Geraldo Ndili, índio Xokleng, que vivia exilado² na época, na Terra Indígena de Manoel Ribas. Após se casarem vieram morar na T.I., de Ibirama e juntos tiveram mais 05 filhos e viveram na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ até falecerem no final dos anos 1990.

Vivi com meus avôs maternos até meus 05 anos de idade, até que minha avó faleceu em decorrência de um câncer, em 1991. Lembro que, meus avós se comunicavam comigo na língua materna Xokleng/Laklãnõ. Apenas, quando comecei a frequentar o pré-escolar em 1991, na localidade Barra do Rio Dollmam, fui obrigada a falar e me comunicar na língua portuguesa, pois a escola era dos brancos, a professora era não indígena e todas as crianças também, sofri muito com isso. Os anos seguintes (até o quinto ano) foram mais tranquilos, pois a partir do primeiro ano (antiga primeira série) a vida escolar aconteceu na Terra indígena. Entretanto, mesmo sendo no interior da aldeia os professores eram não indígenas como a professora Dalvíres Oheguem, esposa do chefe da FUNAI. Aos poucos comecei a falar e escrever em Português. Como

² Quando me refiro à palavra 'exilado' se refere ao fato de que: Quando um indígena cometia algo que vinha contra as leis vigentes no território indígena ele era exiliado, ou seja, transferido para outra terra indígena que o aceitasse. O exilado então passava a viver na outra terra indígena e prestava serviço para o chefe da FUNAI ou para as lideranças indígenas por um determinado período. Após ele cumprir a "pena", era liberado para voltar o que dificilmente acontecia porque acabava constituindo família.

na aldeia só tinha até a 5ª série, ao passar para o 6º ano fui estudar novamente em escolas fora da aldeia, até terminar o ensino médio em 2002.

Em meados de 2004 a Escola Laklãnõ foi inaugurada, e um dos objetivos das lideranças era que apenas professores indígenas lecionassem nela. Em 2005 fui chamada para trabalhar na coordenação da Educação de Jovens e Adultos - EJA, e também trabalhar como professora. De início não aceitei, pois tinha sido aprovada no vestibular para Odontologia e Direito na FURB e teria de iniciar já em março daquele ano. Entretanto o cacique da época, Aniel Priprá, insistiu para que eu fizesse parte do corpo docente da escola indígena recém-inaugurada, depois de muitas conversas aceitei. Ainda, no final do mesmo ano fui aprovada no vestibular para cursar Letras - língua Portuguesa, na UNIASSELVI. Iniciei então meus estudos, para ter uma graduação e trabalhar com e por meus parentes, sobretudo um desafio para mim, estudar uma língua que foi por muito tempo uma língua estrangeira, e que foi símbolo de aniquilação da língua indígena. Continuei a lecionar no ano seguinte na escola Vanhecu Patté, na Aldeia Bugio, pois havia me casado e meu marido morava nessa aldeia. Em minha caminhada de professora, estive em constante aperfeiçoamento, fiz uma especialização em Educação Infantil, que tive como tema de monografia: Escola de ensino e educação infantil para Terra indígena Ibirama\Laklãnõ: Primeira planta discursiva. Também participei de um grupo de pesquisa CAPES entre os anos de 2010 a 2013, com pesquisas sobre a cultura e da revitalização da cultura Laklãnõ/Xokleng, nesse percurso o contato com os anciões foi bastante intenso, o que me instigou também a desenvolver uma pesquisa de especialização com tema: Educação e Interculturalidade e o bem viver.

Em 2016 iniciei meus trabalhos como orientadora das Ações Saberes Indígena na Escola - ASIE, que me proporcionou ainda mais o convívio com anciãs e anciãos³. E em 2016 quando ingressei na licenciatura indígena na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC vi então, a oportunidade de estar de novo com os velhos, registrar as falas, os momentos em sua vida cotidiana.

³ ANCIÃO = denominamos anciões aquele que já é mais de idade, que convive mais em suas casas dedicando a seus filhos e netos transmitindo saberes. Ou ainda contados tradicionalmente pela seca da taquara que se dá de 30 em 30 anos, chamados pelos Xokleng de VAN GÓ, que quer dizer taquara que dá o gorô, uma larva que se alimentam, quando dava e ainda dá, então somando por exemplo duas secas da taquara seriam 60 anos.

Desse modo o intuito dessa pesquisa é registrar as memórias contadas pelos anciões da Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, remanescentes de um povo que foi quase dizimado no século XX. O povo Xokleng/Laklãnõ ocupa o alto vale do Itajaí em Santa Catarina, sul do Brasil, mais precisamente entre os municípios de Doutor Pedrinho, Itaiópolis, José Boiteux e Vitor Meireles. Como a cultura da maioria das populações indígenas é a oralidade, os Xokleng/Laklãnõ também têm muitos conhecimentos que ainda estão nos saberes, nas memórias dos poucos anciões que ainda vivem, muitos já se foram e levaram consigo conhecimentos milenares.

Vivemos numa época em que tudo se torna de fácil acesso através das mais diferentes tecnologias. Tudo parece estar disponível na rede para fazer download e upload e o que não está disponível parece estar fadado ao esquecimento, cai em desuso. A tecnologia também chegou aos Territórios indígenas, é parte do cotidiano e possibilita ao indígena se conectar com seu parente distante, fazer amigos virtuais, estar em contato com o 'outro'. Esse contato na maioria das vezes desenfreado e, conforme analisam os velhos Xokleng/Laklãnõ, ameaça o saber fazer cultural que eles apreenderam através do ouvir, do tatear, do experimentar, experienciar nos diferentes contextos e situações no interior da aldeia e fora dela. Os velhos para o povo Xokleng/Laklãnõ, são a base para o contato com o passado, mas também uma ponte para pensar o futuro e com o falecimento de cada ancião, se vai com ele uma parte de nossa história, pois cada um possui um conhecimento que se completa com outro o de outros. Dessa forma registrar esses conhecimentos no presente, ouvir o que os velhos ainda têm a dizer sobre o ontem, o hoje e o amanhã, é emergencial.

Embora nos remetemos brevemente a questão das tecnologias e que tudo parece estar disponível na rede, na pesquisa não tivemos o intuito de analisarmos os impactos dela no contexto da Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ. Apenas sinalizar que é também uma realidade hoje na Terra Indígena e apontar para os desafios encontrados, conforme registram os velhos que conversamos no campo ao que se refere à transmissão de seus conhecimentos aos integrantes da T.I. Neste estudo buscarei ir ao encontro das memórias contadas pelos anciões, ouvir e registrar o que eles têm a me dizer, enquanto mulher, mãe, neta, vizinha. Integrante do mesmo povo, o que esperam dos jovens, que precisam lutar e resistirem aos confrontos diretos e indiretos do homem branco e de tudo que vem com ele, como a tecnologia, outros modos de vida e troca de saberes que diferem das formas indígenas de organização social e cultural.

As escritas sobre o povo Xokleng/Laklãnõ, sua cultura, modos e formas de viver, embora terem sido silenciados após várias tentativas, o contato se deu nos anos de 1914, são raras. Grande parte delas, sobre contextos específicos onde o pesquisador na maioria não indígena, chega até a comunidade indígena com questionários prontos para serem aplicados, quando abrem para ouvirem os velhos, as conversas também são em torno de um tema que o pesquisador tem interesse. Nesse sentido, poucos estudos são em torno do que o ancião quer dizer, e é para suprir esse desejo, de ouvir o que os anciãos ainda têm a dizer sobre si e a cultura Xokleng/Laklãnõ, a motivação para realização do estudo aqui proposto.

Escolhi fazer esse trabalho também, porque sempre vi e conheci pesquisadores não indígenas, irem até nossas aldeias e coletar informações que lhe são uteis e nunca mais darem retorno à comunidade e para os sujeitos da pesquisa. E também, muitas vezes os velhos não contavam ou contam a história verdadeira ou completa, porque raras vezes lhe é permitido de fato falar sobre o que querem dizer. E, quando falam ao traduzir para a língua portuguesa, os contos, as estórias e histórias se esvaem de sentido. Isso me provocou a fazer conversas informais enquanto integrante da mesma comunidade. Também por perceber que pesquisadores vão a campo e levam consigo cadernos, canetas e todo tipo de tecnologia, o que conforme reclamam os velhos, isso os intimida, sobretudo, para onde vão suas narrativas e com benefícios a quem? Percebia que automaticamente bloqueava os pesquisados. O fato de não contar e não usar nenhum material para registrar, além da memória, foi justamente para que ele não se sentisse usado, e para não delimitarem certos assuntos e memórias, embora como já dizemos são sábios⁴ e de certa forma sabiam que eu estava ali para adquirir algo e eles, os velhos sabiam obviamente que eu estava cursando faculdade e de certo modo os ‘aconselho’ a mim transmitidos também tinha haver com essa questão.

Problemática da pesquisa:

Tendo em vistas as questões acima mencionadas, a problemática da pesquisa está também em entender quais os desafios do pesquisador indígena no presente, quais

⁴ SÁBIOS = sábio é todo aquele possui um conhecimento sobre sua cultura, mesmo sendo jovem, que conviveu com seus avós e bisavós que transmitem os conhecimentos.

caminhos possíveis de debate entre descrever sobre histórias de vida, sobre o que também é parte e a escrita científico acadêmica?

Afim de entender esses desafios já mencionados minhas proposições são de registrar as memórias dos anciões Xokleng/Laklãnõ através de visitas informais, para ouvir o que eles ainda têm e querem dizer, sobre si, sobre o outro, sobre sua cultura. Registrando as narrativas contadas pelos velhos sobre si e sobre a cultura Xokleng/Laklãnõ afim de entender que elementos ou recursos são utilizados pelos velhos para narrarem suas histórias, trazendo as mensagens trazidas por eles. Entendendo em que medida a memória dos velhos sobre a cultura Xokleng/Laklãnõ está ameaçada ou não no presente.

Caminhos metodológicos

Na pesquisa, foi proporcionado ao ancião a liberdade de contar suas histórias, as emoções e angustias impressas nelas, opressões que viveram desde a época que inicia o silenciamento, no ano de 1914, onde após várias tentativas de contatar com os indígenas que viviam em Santa Catarina, mais precisamente no alto vale do Itajaí, através do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), em 22 de setembro de 1914, o sertanista Eduardo de Lima e Silva Hoerhen conseguiu essa dita façanha, que ficou conhecida então como “Pacificação”. Pacificação por dizerem ter trazido a paz a um povo que era selvagem, palavra essa que não é mais aceita pelo povo Xokleng. A partir de então, conforme os velhos contam, suas vidas mudaram, várias de suas práticas de vivências e formas de produção cultural diminuíram e muitas foram brutalmente silenciadas. Eram obrigados a viver da maneira que lhes impunham, não mais livres pelas matas, caçando, coletando de um lugar a outro, teriam agora que plantar para colher, falar a língua que lhe era imposta, comer alimentos que não eram de suas dietas diárias, tornando-os assim doentes e oprimidos em suas próprias terras.

Entre os caminhos para composição do percurso metodológico, a leitura bibliográfica e que veio de encontro ao formato de pesquisa que estava me propondo a realizar, está embasado nos métodos de pesquisa: exploratório e história de vida. Mas, para além dos métodos de pesquisa, o campo proporcionou a mim, enquanto pesquisadora indígena, em tempos de tanta aceleração, onde o tempo é delimitado e controlado por uma gama de contratempos que o homem branco introduziu nas comunidades, na pesquisa foi um pouco difícil. Sou professora na minha comunidade e

fora dela e, pelo tempo que precisava cumprir de acordo com minha carga horária de trabalho na escola, e por tempos que passo fora da T.I., em tempos de universidade e de momentos de lazer que tenho com meus filhos e esposo.

Tendo em vistas a escassezes de tempo, os poucos momentos de lazer principalmente no último ano, optei por compartilhar com os velhos. Na maioria dos momentos compartilhados estava com minha família, onde ambos ouvíamos as estórias e histórias narradas pelos velhos, ora a mim direcionado sobre os ensinamentos que eu deveria transmitir aos meus filhos, ora como mulher, neta, filha e também, a alguém que exerce uma função de articuladora educacional na aldeia, professora.

Sabemos que algumas correntes de pensamento, teorias sobre métodos científicos de pesquisa, defendem a necessidade do distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado, o que para mim, no tempo em campo foi um pouco estranho; como me distanciar daquilo que também sou parte? Ou qual o melhor formato de estar com os velhos? Fazendo anotações, com gravações, filmagens, registros fotográficos, questionários? Optei por ouvir.

Uma vez entendido qual seria o formato de estar em campo, as interlocuções entre campo e teorias, se deu com mais embasamento com o que se entende como método de História de Vida.

Sobre a perspectiva de histórias de vida, segundo Glat, R; Pletsch, M D (2009, p. 132), em uma perspectiva ética, o método de História de Vida permite romper com a relação hierarquizada entre pesquisador e sujeito da pesquisa. “O enfoque se apresenta extremamente profícuo por valorizar o ponto de vista do sujeito, dando voz a um grupo historicamente silenciado”. O método de História de Vida é oriundo das Ciências Sociais e foi desenvolvido primeiramente em Bertaux (1980), Barros (1981), Becker (1986), Bosi (1984), Constantopolou (1987), Salem (1981), entre outros. A proposta do método, conforme defende Glat, é justamente, “priorizar a versão dos indivíduos pertencentes ao grupo estigmatizado, em vez dos profissionais que os rotulam” Glat (2009, p. 135).

Para Glat,

O objetivo desse tipo de estudo é ouvir o que esses sujeitos têm a dizer sobre si mesmos, seus relacionamentos e sua vida cotidiana. Pretende-se, assim, a partir de suas narrativas, averiguar de que forma a condição de estigmatizado afeta suas experiências, visão do mundo e identidade pessoal, bem como, conhecer as estratégias de

sobrevivência social desenvolvidas, por alguns, para superação ou minimização do estigma (GLAT & PLETSCHE, 2009, p. 141).

Como pesquisadora indígena, pertencente ao Povo onde o estudo foi realizado, estou no papel de ouvinte, mas também como interlocutora, ouvinte das histórias e histórias narradas e interlocutora, mediadora nas possíveis relações entre conhecimento tradicional e conhecimento científico, por assim dizer. Nesse processo, o pesquisador distancia-se de si ao mesmo tempo em que se aproxima e, é onde o desafio maior da pesquisa se concentra, ouvir o que também é seu, pensar o seu como “um outro”, conversar nesse caso através das memórias (ancestralidade) e práticas no presente com esse outro, “tornar-se nós” outra vez e dizer sobre nós a “outros”.

Nesse processo, o pesquisador distancia-se de si ao mesmo tempo em que se aproxima e, é onde o desafio maior da pesquisa se concentra, ouvir o que também é seu, pensar o seu como “um outro”, conversar nesse caso através das memórias (ancestralidade) e práticas no presente com esse outro, “tornar-se nós” outra vez e dizer sobre nós a “outros”.

O contato com os velhos foi desde minha primeira infância, pois vivi com meus avós maternos até os cinco anos de idade, até que minha avó veio a falecer em decorrência de um câncer. A partir dali, passei a viver com meus pais biológicos e passei a aprender e a falar a língua portuguesa, porque até então minha língua materna era o Xokleng/Laklãñ, pois era nessa língua que meus avós se comunicavam comigo, conforme já me referi ainda na introdução. E as minhas conversas com os velhos, aconteceram na língua, o que foi um facilitador desde os primeiros momentos com eles. Outra estratégia em campo foi que não contei que havia um objetivo de estar ali com eles, e que se tratava de uma pesquisa, eles não sabiam que minhas visitas eram com objetivo de registrar suas memórias, embora os sábios de certa forma sabiam que minhas visitas se davam com intenção de saber mais sobre eles e sobre meu próprio povo, e não estar com papel e caneta na mão e conversar na língua materna Xokleng dava a eles um certo conforto das conversas. Ao estar com eles, procurava me inteirar das conversas sem destoar do que já estavam conversando, mas em nenhum momento interferi, questionei com outras perguntas que me interessasse, deixava o assunto fluir naturalmente, saber do que estavam conversando e o que tinham a me dizer.

Ao falar na língua Xokleng/Laklãnõ, percebi que dava certo conforto a eles, mas também por ser integrante indígena e sempre estar em contato com eles, mesmo nos tempos escassos. Às vezes quando em meio a conversa sentia que precisava anotar algo, que depois talvez não conseguiria lembrar, então me retirava e dizia que precisava fazer minhas necessidades (ir ao banheiro) e lá anotava aquilo que acreditava que iria esquecer. Entretanto, embora eu pudesse ter acesso às memórias dos velhos e seus aconselhamentos, e num primeiro momento não os deixasse saber que eu estava fazendo registros, muito do que me foi contado, não trago aqui registrado, pois acredito que era apenas para mim enquanto indígena. Dessa forma o que apresento ao longo do texto, são aconselhamentos que podem ser partilhados sem expor os velhos.

Quando me refiro em ‘aconselhamento’, o faço porque é por esse viés que as falas dos velhos se deram, tudo tinha um objetivo, um propósito final na narrativa deles. Às vezes saudosismo sobre um tempo que não volta mais, mas que ao narrar era possível ver nas expressões, quase tocar com as mãos. As conversas foram marcadas por fatos, acontecimentos que o velho estava vivendo naquele momento, em sua vida pessoal ou sobre acontecimentos com seus familiares ou mesmo alguém da comunidade.

As conversas iam involuntariamente de um assunto para o outro, conforme um integrante da família chegava, pois esse trazia consigo outras vivências, outras narrativas vividas ou vivenciadas no decorrer do dia, até ali. Mas, quando o velho estava a contar sobre os costumes antigos, os fatos por ele vividos no passado, quem chegava tinha o cuidado de não interromper, era como se nada fosse mais importante e urgente que ouvir as estórias e histórias contadas pelo velho.

No dia a dia, nós indígenas trabalhamos em diferentes afazeres e lugares e às vezes nos pegamos a cumprir um horário, tempo que não foi sugerido por nós. No campo, foi preciso me desfazer do sistema colonial ainda bastante enraizado de pensar o tempo e as coisas, porque o tempo do velho Xokleng/Laklãnõ não é o nosso tempo, nem o tempo do homem branco. Era comum, ouvir do velho quando ele iria dar um aconselhamento, contar sobre o passado, perguntar antes de começar: *você tem tempo?* Caso fosse dito que não teria tempo ele não começava a conversa, trazia então outros assuntos corriqueiros do dia-a-dia na aldeia, pouco se remetia as suas memórias, mas ao cotidiano.

Para entrada em campo, não marcamos a hora nem o lugar para estar com os sujeitos, nossa chegada até os sujeitos se deu como uma visita para tomar um chá ou fazer um bolo. Não importava o tempo ou as anotações, mas o que poderíamos aprender através da vivência com os sujeitos e aprender sobre seus ensinamentos.

Nas conversas era possível perceber as preocupações que os sujeitos traziam consigo, angustias referentes ao desinteresse dos jovens indígenas de hoje, quanto à falta de vontade em se preparar para um futuro que parece ser ainda incerto. Mas o início das conversas sempre se dava em tons humorados, mesmo com as angustias que sinalizavam ao longo das narrativas. Embora as estórias e histórias contadas fossem aleatórias, no final, o que o ancião contou parecia estar de modo que orquestrado, ou seja, embora fossem assuntos diversos, ambos tinham um motivo para serem contados. As conversas o tempo todo remetiam ao passado que não existe mais, ou ao estar em contato com outras culturas passou por ressignificações. As memórias que trazem consigo, eram as mais diversas possíveis, iam desde suas infâncias até os dias de hoje, seus modos de vida em sociedade.

Porém, mesmo com tanto conhecimento, os anciões da Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, ainda estão vivendo de uma forma de solidão e falta de atenção, pois vivem à mercê de muita falta de atenção pela comunidade em geral. Vivem de salários de aposentadoria, dependem de cuidados de saúde pela SESAI, que deixa muito a desejar, os filhos cuidam, mas também tem suas famílias e não conseguem dar atenção e o suporte adequado.

No decorrer da pesquisa estive com diferentes anciões, mas mais diretamente com quatro deles, pois meus laços de parentesco com Petej (Evaldina), uma das interlocutoras em campo é de nora e sogra, e quando sentávamos para conversar, ela se remetia ao passado de uma forma sempre entristecida, demonstrando saudosismo de um tempo que não volta mais. Registra a saudade de seus pais e irmãos que já se foram. Por outro lado, em conversa com seu Tschã, irmão de Petej, e meu tio por consideração, pois ele foi casado com minha tia durante muitos anos e é tio do meu marido, com ele as narrativas sobre o passado se deram também em tom de saudosismo, mas sempre com empolgação por poder estar contando sobre aquilo que viveu e os ensinamentos que pode transmitir aos mais novos.

Em campo, percebo que não há nenhum tipo de lazer no cotidiano dos velhos, a não ser as igrejas evangélicas que frequentam. Mas, mesmo vivendo em situações precárias, nos receberam com um sorriso no rosto e felizes por estarmos ali, os visitando.

Ainda no percurso metodológico, de acordo com Glat & Pletsch (2009), entre os variados métodos de pesquisas, o método de pesquisa de história de vida, pode identificar como uma experiência de sua vida e trazer conseguem valores culturais que podem mudar ou talvez influenciar na vida do ouvinte. Spindola e Santos (2003), sugerem que esse método possibilita ao pesquisador a ter um pouco de conhecimento do narrador, pode conhecer ações que já ocorreram e também de seu cotidiano, possibilitando uma tomada de consciência do ouvinte. Já de acordo com Queiroz (1998), os relatos da memória do narrador definem e revelam sobre a construção de sua identidade e revelam sua vivência com seu grupo social. Boje (1995), complementa e sugere que através de sua história de vida decretam seu papel dentro de sua comunidade. Para Spindola e Santos (2003) descreve que o método de pesquisa de história de vida, não se pode ser contestada se o fato contado é real ou não, ele deve simplesmente aceitar o ponto de vista de quem está narrando a história. Já nas análises de fatos é necessário que se contrapõem documentos que se agrupam para complementar a pesquisa, além das entrevistas coletadas.

Silva *et al* (2007), reforça a ideia que deve haver cumplicidade e muita afetividade entre o pesquisador e o pesquisado, exigindo e afirmando que não é num primeiro momento que se passa a confiança do contador da história de vida. É necessário que o sujeito da pesquisa se sinta à vontade, e que o pesquisador passe confiança e proximidade para que possa realmente ouvir histórias de vida com detalhes e veracidade. Manen (1990), reforça que a aproximação de ambos deve ser observada e planejada, definições de regras para conduzir uma pesquisa, mesmo que ela seja apenas oral, em que o ouvinte pesquisador não terá em mãos o papel e a caneta ou gravador, mas é preciso se organizar antecipadamente para que toda conversa não fuja do controle de modo que se perca o foco da pesquisa de fato. É importante ressaltar também que não é de bom uso se fazer interferências com perguntas enquanto o narrador está falando, pois ele poderá desviar-se e tomando outro rumo, que poderá ser ruim.

Desse modo a delimitação pelas teorias sugeridas se dá no sentido que: quando Glat & Pletsch (2009), se referem ao método de Pesquisa de história de vida como uma forma de aproximação mais elevada entre o pesquisador e o pesquisado, pude constatar

no campo. Spindola e Santos, também Silva et al (2007), defendem que é de suma importância a aproximação e a conquista da confiança do pesquisado e do mesmo que promover o bem-estar antes de iniciar a pesquisa de campo é fundamental para que se tenha informações nunca antes contadas. O que para mim, enquanto pertencente ao povo e as vezes a mesma família, não foi difícil estabelecer essa confiança. Manen (1990), sugere que se deve proporcionar aos pesquisados, momentos de confiança, porém, para que isso aconteça é fundamental que se seja feita observações antecipadamente, haja uma programação por parte do pesquisador, assim também como organizar os tempos, as falas, e o que se quer ouvir. Manen entende que em hipótese alguma, no método História de Vida, deverá ser levado equipamentos como gravadores e ou anotações que sugiram intimidação ao entrevistado.

O povo Xokleng/Laklãnõ: composição Linguística, Geográfica e social

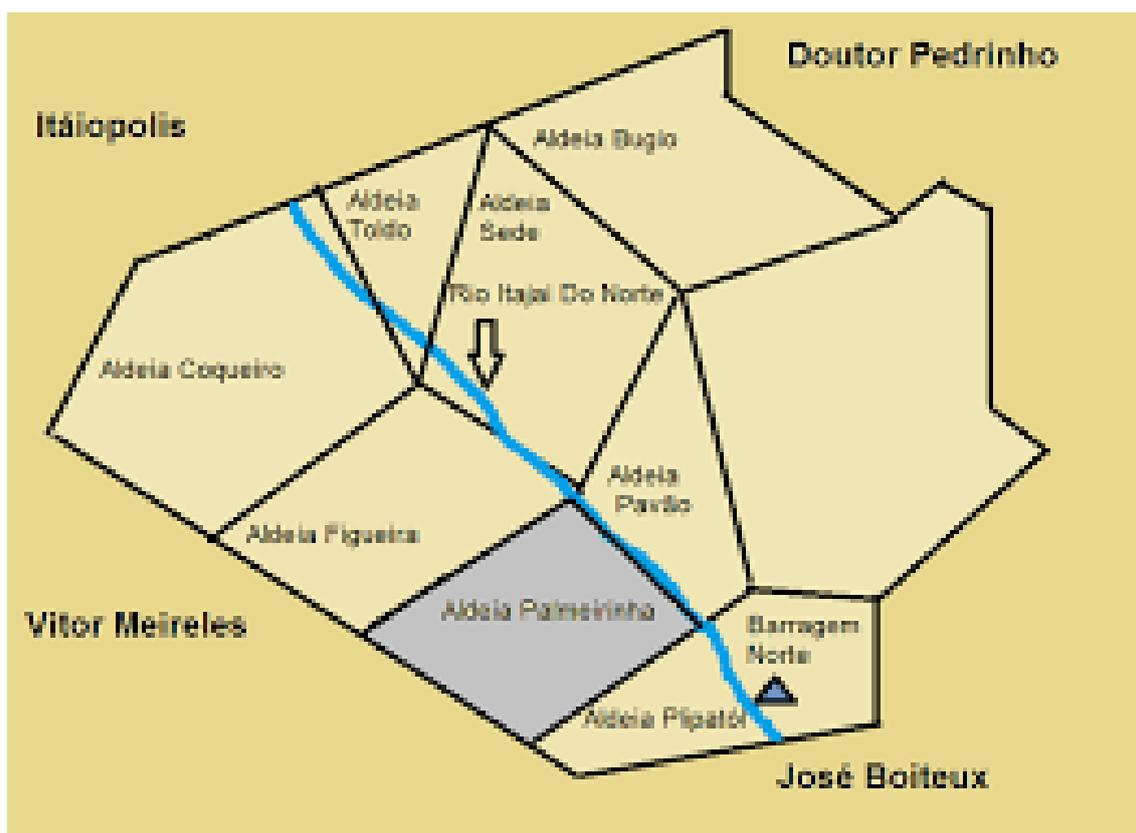


Figura 1: Mapa da T.I. Laklãnõ. Fonte: Patté (2015).

Os Xokleng/Laklãnõ atualmente habitam o sul do Brasil, no noroeste catarinense, alto vale do Itajaí, sendo a única etnia indígena nessa região. A Terra

Indígena faz divisa com quatro municípios: José Boiteux; Doutor Pedrinho; Vitor Meireles e Itaiópolis e está dividida em nove aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão Plipatol e kóplág. O povo Laklãnõ tem 105 anos de resistência após o contato com os não indígenas, o silenciamento, denominado pelos brancos de Pacificação, em 1914, liderada por Eduardo de Lima e Silva Hoerhen, enviado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e que foi concretizada após várias tentativas frustradas.

Segundo dados da SESAI (2019), a população Xokleng/Laklãnõ é de 878 famílias, totalizando 2.207 indígenas, e constituída principalmente pelos sobreviventes deste povo e de alguns descendentes Kaingang e Guarani Mbya, que migraram para a T.I., ao longo das décadas. A demarcação da terra continua em processo no Supremo Tribunal Federal em Brasília, sendo que apenas 14.000 mil hectares são homologados oficialmente e ocupados para usufruto da comunidade Laklãnõ e 23.000 mil estão em processo de homologação. A organização política é realizada pela própria comunidade indígena, composta por um juiz eleitoral e um de direito, indicado pelos caciques regionais que organizam as eleições nas aldeias da Terra a cada três anos. O juiz de direito executa as leis sobre a comunidade e lideranças, de acordo com os seus atos. As eleições com urnas tiveram início a partir dos anos 1990. De 1960 a 1980, os votos nas eleições, conforme contam os velhos, eram contados com grãos milho e feijão. Durante décadas, a comunidade foi liderada por Aristides Faustino Criri, indígena Kaingang que cresceu e formou família na T.I. Laklãnõ, conhecido como seu Ali.

O atual cacique presidente é Tucún Gakran e seu vice cacique presidente Ndilli Criri. O sustento familiar se dá basicamente por integrantes das famílias que são empregados no interior da aldeia e fora dela, como: professores, agentes da FUNAI e SESAI. Há também aposentados, pensionistas, beneficiários de programa do Governo “bolsa família”. Alguns poucos vivem da agricultura, outros que trabalham em empresas privadas como frigorífico e malharias, há também um grande número de jovens que trabalham nas cidades vizinhas em épocas de plantio e colheita de fumo. Atualmente a comunidade vem retomando a prática da cestaria que foi deixado de lado por conta da redução do território, no processo de colonização. As famílias que não tem integrantes empregados vivem da fabricação do artesanato, como: arcos e flechas, instrumentos musicais, prendedores de cabelo, colares, pulseiras e brincos.

A culinária, devido à redução das terras e o desmatamento dela, teve que ao longo do processo de pacificação se adaptar ao do não indígena, pouco se tem ainda da

culinária tradicional, ela continua viva na memória dos velhos, que relembram com nostalgia do que tempo que colhiam frutas na mata, pesca nos rios entre tantos outros ingredientes da culinária tradicional. Embora todo processo de contato com a cultura não indígena, os velhos da T.I. ainda preservam o conhecimento sobre a medicina tradicional, porém, assim como na culinária, as folhas e raízes são encontradas no pouco de mata que ainda resta e, devido ao processo de desmatamento, como eles argumentam, está se tornando cada vez mais difícil a prática da medicina. Outro dificultador é também que na T.I., tem um grande número de indígenas que frequentam as igrejas evangélicas e, segundo a crença da igreja, muitas práticas da medicina tradicional é considerado errada, o que faz com que o indivíduo Xokleng vá em busca da medicina do não indígena.

Do que vi, do que vivi - conselho: os etnosaberes nas memórias dos velhos

Nos parágrafos que seguem trago as narrativas dos velhos que compartilharam suas memórias comigo ao longo do percurso acadêmico. De antemão, a partir das memórias contadas, é possível analisar que cada um a seu modo, de onde falava era um sobrevivente. Sobrevivente não apenas dos massacres culturais mais enquanto indivíduos, pois embora as condições de vida não lhes seja favorável, continuam a lutar pela memória do povo que é também parte

Todo conhecimento a mim transmitido, como forma de aconselhamentos, foram de uma alegria e riqueza de conhecimentos incomensurável, enquanto pessoa e mãe de filhos que precisam conhecer e repassar o que ouviram comigo.

Narrativa 1. Dona Evaldina, 67 anos de idade, aldeia Palmeira.

Figura1-Evaldina teiê, agosto de 2019.



Foto: josiane de Lima Tschucambang

No campo ao chegar na casa de Dona Evaldina, moradora da aldeia Palmeira mãe de 04 filhos e avó de 17 netos, divide seu tempo em cuidar de sua casa e se dedica aos netos, também é requisitada para fazer massagens sendo uma de suas habilidades, em especial em crianças quando estão com “arca caída”, (quando uma costela está em cima uma da outra e a criança chora e faz febre alta e não se alimenta e que não é diagnosticada pelos médicos), ela estava contando sobre seus filhos, após me receber continuou contando que é mãe de 03 filhos e neta do único *kujá* (líder espiritual) Xokleng/Laklãnõ que existiu. Ela vive na Terra Indígena desde que nasceu, conta que é filha de um remanescente que veio da mata, seu nome era *Vanhecu Teiê*. Segundo ela seu pai chegou no aldeamento no dia do segundo contato com o não indígena, órfão de seus pais. Eles foram mortos, segundo ela, na primeira tentativa de contato com o homem branco, ainda na mata por capangas do SPI (serviço de proteção ao índio). Petej como é conhecida na aldeia, lembra que junto a outros parentes, seu pai contava que se apresentou na fila que se formou em direção ao pacificador Eduardo, que os contactou num primeiro momento - *ele dizia que apenas chorava, ainda era criança e não entendia a língua portuguesa. Ele contava que tinha seus tios e outros parentes, menos*

seus pais, porque haviam sido mortos. Então o pacificador Eduardo o chamou e puxou-o pelos braços e levou-o com ele para seu acampamento, de certa forma o adotou. Depois disso, ele contava que passou a trabalhar mesmo criança para Eduardo até quando se casou. Ele chamava o pacificador Eduardo de “JUG TÕ JÃNGÃL”, que quer dizer “PAI JÃNGÃL”, JÃNGÃL é nome de uma árvore forte e resistente.

Ao narrar suas histórias, não era possível perceber por parte de quem ouvia se Petej expressava tristeza e alegrias, era possível perceber sua emoção ao lembrar-se de seu pai, contar sobre ele para seus netos e a mim naquele instante. Enquanto contava, víamos correr pelo rosto lágrimas e após alguns instantes de pausa voltava a narrar.

Petej lembra que após várias tentativas dos órgãos governamentais que tiveram em contatar com nossos ancestrais, muitos foram mortos a tiros, por degolamento, arrastados por cavalos em meio à mata. Ainda narrando sobre as memórias de seu pai, ela lembra que ele contava que presenciou sua própria mãe ser morta. - *Ele dizia que estava correndo pela mata, fugindo de tiros e de repente deram de frente com os cavalos dos brancos, a mãe dele mãe estava grávida já quase nos dias de ter criança e não conseguia correr com ele nas costas, e os outros parentes e companheiros se jogaram no meio do mato se escondiam como podiam. Ela percebendo que iria ser alcançada e morta com ele, ainda pequeno, escondeu ele atrás de um tronco, jogando galhos por cima para não ser visto, e disse para que ficasse quieto ali que já voltava para buscar, e continuou a correr. Ele contava que pensa que ela fez isso para despistar os homens a cavalo e armados de procurarem mais alguém. Quando um dos cavaleiros a golpeou em suas costas, o corte foi tão grande que o bebê caiu pra fora também ferido e morto. Ele contava que só ouviu um grito da mãe dele, nunca mais esqueceu. Após toda cavalaria passar, os outros parentes saíram da mata e choraram com ele e enterraram sua mãe com seu irmão que ainda estava na barriga dela.*

Segundo Petej, seu pai foi criado pelo pacificador Eduardo e trabalhou desde cedo, nunca sentiu ter sido escravizado ou judiado pelo Eduardo, ao contrário sempre dizia ser grato a ele por tê-lo ensinado a trabalhar e nunca o deixou passar necessidades, apesar de uma forma ou outra ter sido o causador da morte de sua mãe. Petej lembra que seu pai contava que foi o próprio Eduardo quem escolheu sua esposa *Schantang*, uma jovem de mais ou menos 12 ou 13 anos, mesmo que ele estivesse com aproximadamente 30 anos de idade, já ter sido casado e separado de outra indígena da comunidade. Petej lembra que seu pai lhe contava que o mesmo ganhou ferramentas, utensílios para casa, o mínimo que precisaria para iniciar sua família, dessa união

tiveram 04 filhos. Ela lembra que seu pai contava que a jovem foi escolhida para ser sua esposa, porque era de uma família respeitada na aldeia, filha do *kujá kamrém*. Ela afirma que atualmente todos na comunidade respeitam os saberes que ele deixou, com conhecimento de ervas medicinais, previsões e outros.

Petej, passou a contar das previsões que seu avô *Kujá* fazia, do conhecimento em relação as ervas medicinais, das habilidades que tinha em incorporar espíritos de animais. Ao lembrar dos feitos de seu avô *Kujá*, ela faz uma pausa e explica que não vai adentrar muito no assunto porque é evangélica no presente e diz ter medo de ter uma morte feia e triste como teve sua mãe, por ser neta do *kujá Kamrém*. Lembrou também da morte de seu tio *Juvej*, filho do *kujá Kamrém*. Ela conta que seu tio desafiou o *Kujá* e matou um animal que ele dizia ser sagrado, o macaco Bugio. Quando foi sua morreu, foi levado pelos espíritos até a mata e foi cortado, marcando seu corpo todo e esquartejado, assim como havia feito com bugio. E hoje, os indígenas que vão caçar, mesmo que não seja descendente do *kujá Kamrém*, pede ao macaco bugio, explicam que irão matá-lo porque precisam para alimentar seus filhos, dessa forma estariam livres da maldição, mas não podem matar além do que podem consumir. No presente, na comunidade os caçadores contam que quando vão pra matar o macaco bugio, o animal olha para o caçador e chora, lembrando o choro de uma criança, acredita-se que é o *kujá* que está incorporado no animal e pedindo para não matá-lo, pois ele guarda e protege a aldeia espíritos ruins e se, matar perde toda proteção.

Petej, descreve que após a morte do *Kujá Kamrém*, e com a chegada da religião na aldeia, as práticas espirituais tradicionais realizadas por ele, foram tidas como coisa do diabo e, os descendentes dele precisavam serem salvos pela igreja, os que não aceitassem as doutrinas religiosas que lhes era imposto pela igreja eram perseguidos na comunidade. Passou-se a atribuir toda morte não natural da aldeia, como assassinatos e esquartejamentos, como sendo um castigo, feitiço do *Kujá*, agora visto como feiticeiro.

Narrativa 2. Seu Tschã Ya- ói, 74 anos de idade, Aldeia Sede.

Figura 2- Tschã Ya-ói, dezembro de 2019.



Foto 2 e 3: Josiane de Lima Tschucambang

Tschã Ya- ói, é filho de Schantang Camlem e de Uvanhecu Tschucambang, irmão de Petéj. É pai de 03 filhos e 09 netos, ele se dedica após sua aposentadoria apenas em suas plantações de milho, aipim, batata-doce, feijão e a pesca, embora sua saúde já bem debilitada nunca desiste de plantar e comer de sua própria roça e partilhar com seus filhos e netos. Nossas conversas aconteceram em sua casa e em outros lugares da aldeia, porém mais especificamente entre agosto e dezembro de 2019, nas tardes de domingo e noutras ocasiões oportunas. Numa das conversas, ao nos encontramos meu esposo perguntou de seu filho mais velho, Sidney, que fazia dias que não o víamos, e ele disse: *não sei onde ele anda, deve estar por aí*. Então, iniciou falando sobre um assunto aleatório: *os jovens de hoje não estudam porque não querem, por falta de interesse porque nos dias de hoje tem muitas oportunidades, porém quando eu quis estudar, tudo era difícil*. Tschã conta que quando tinha uns 14 anos, ainda na época da ditadura militar em 1960, foi trabalhar em Ibirama (cidade vizinha da T.I.) em uma loja de móveis, material de construção e de roupas que ficava no centro da cidade. Antes disso, ele relembra que havia estudado na aldeia, feito o estudo primário (antiga primeira série), com professor o indígena Lino Nunc-fooro. O professor indígena trabalhava como voluntário e as aulas além do português, também eram ministradas

pelo professor na língua Xokleng/Laklãnõ. Seu *Tschã* lembra que não pode continuar estudando, pois precisava trabalhar para ajudar no sustento de casa, ele conta que sentia muita vontade de estudar, sempre sonhou em concluir seus estudos, trabalhar e poder ajudar mais seus pais, porém era muito difícil estudar, *era só para quem tinha dinheiro*, diz ele.

Em memórias ainda vivas em sua mente, lembra-se do dia em que caminhava pelos ‘estaleiros’, onde eram vendidas as madeiras que eram retiradas da aldeia, ele se aproximou de Dona Marta Weiss, uma empresária do ramo da madeireira e comércio no município de Ibirama. Se aproximou e logo lhe perguntou: *Dona Marta, teria um emprego para mim?* Ele conta que Dona Marta rapidamente olhou para seu marido, - *eu nunca vou me esquecer como ela me olhou*. Relembra que ela perguntou a ele se ele sabia fazer contas, e ele disse: *eu sim!* E ela prontamente disse: *tem sim uma vaga na loja*. Nesse momento, ele fez uma pausa na conversa e sorriu como se estivesse voltado naquele exato momento e depois seguiu contando que voltou muito alegre para sua casa e contou a notícia para seus familiares. Mas ele lembra que sua mãe ficou triste, porque ele iria ficar longe de casa, porém feliz por seu filho estar conquistando um de seus objetivos.

Tschã continua contando e, lembra que o seu irmão mais velho *Munhã*, o incentivou, porém, preocupou-se sobre suas documentações, pois *Tschã* não possuía nenhuma documentação, a não ser a certidão de nascimento. Ele conta que falou: *vou assim mesmo, lá dou um jeito*. E seguiu para o emprego, porém seu interesse maior era de concluir seus estudos. Chegando em seu trabalho e conseqüentemente sua nova casa, pois ele dormia no sótão da loja (por ser uma casa de arquitetura alemã e ter sótãos enormes). No dia seguinte ele disse que pensou que fosse trabalhar em cargas ou descargas ou em outro serviço pesado, uma vez que era um material de construção, mas ficou de atendente da loja, fazendo comandas de pedidos de clientes e atendia no balcão. Com sorriso ele lembra que seu salário era de 150 cruzeiros, e como não tinha documentos e nem idade para trabalhar, só assinava uma caderneta como comprovante de recibo de trabalho recebia de proventos. Trabalhou ali por mais ou menos 01ano, durante este período Dona Marta Weiss, sua patroa, matriculou em uma instituição de ensino particular de ensino chamada Hamônia, a instituição de ensino existe até nos dias de hoje e atende a população de Ibirama.

Segundo *Tschã*, ele trabalhava meio período na loja e outro período estudava, sem ter documentação necessária, uma vez que, o SPI não permitia que nenhum índio fizesse seus documentos sem sua autorização. Conta que: *Foi uma batalha até eu conseguir, durante esse tempo com meu salário. Fazia compra de comida para minha mãe que tava na aldeia, ficava com uma pequena parte. Eu ia pouco ver meus pais, porque trabalhava e estudava. Mandava as compras por uma “Toyota”, que na época era como se fosse ônibus, essa “Toyota” fazia a linha de Ibirama até Barra da prata, interior do município de Victor Meirelles, que passava dentro da aldeia uma vez por mês.*

Relembra que em uma das poucas vezes que foi visitar seus pais na aldeia, encontrou com um tenente que visitava a aldeia para fazer fiscalizações para o SPI, *era um bom homem*, conta seu *Tschã*. - *Me aproximei dele e perguntei quais eram os procedimentos para servir o exército brasileiro, pois tinha muito interesse em servir no exército.* Ele conta que o tenente lhe disse que deveria ter 18 anos e fazer o alistamento e, se fosse classificado serviria o exército brasileiro. Então, foi às pressas contar as novidades ao seu irmão mais velho *Munhã*, que segundo *Tschã*, tinha mais conhecimentos sobre as coisas dos “brancos”. *Munhã* disse que teriam dificuldades, que não poderiam e não conseguiriam fazer os documentos sem o consentimento do SPI, e que ele não tinha a idade necessária para fazer o alistamento. Mas, mesmo assim, no dia seguinte foram até o cartório de Ibirama, *Tschã* e *Munhã*. Ele conta que pediram ajuda para Dona Marta e como ela era conhecida e respeitada na cidade, poderia ter certa influência no cartório municipal para ajudá-los, ela então os acompanhou até o cartório. Após muitas conversas com o escrivão, *Tschã*, relembra que o escrivão aceitou fazer os documentos para eles. Ele lembra que como era um moço de porte grande, mesmo tendo 14 para 15 anos, seu irmão acrescentou 4 anos de idade a mais em sua certidão de nascimento, para que pudesse fazer seu alistamento que era um de seus objetivos. Quando *Tschã* conta, sorri e diz: *sou mais novo do que a idade que tenho nos documentos, mais me orgulho e nem faço questão de reparar.*

Após isso partiram para mais uma jornada, agora fazer o alistamento. Passando por todo processo de alistamento, veio o resultado favorável, *Tschã* Ya-ói foi selecionado, ele e mais outro rapaz da região do Alto vale do Itajaí. A data marcada para irem para a cidade de Blumenau de trem, era 11 de maio de 1966. *Tschã* conta que pegou o trem na estação de Ibirama, que o levaria para uma nova seleção na sede do

Exército brasileiro em Blumenau. Tschã teve que deixar seu emprego e seus estudos em Ibirama e seguir para Blumenau, mais uma vez longe de seus familiares, porém mais perto de seus sonhos. Ele lembra em tom humorado: *olhava meu lado e só via alemão, italiano, os 'brancos' conversando entre si, e eu sozinho no meio deles*. E ao chegar na estação de trem em Blumenau, um ônibus do Exército os aguardava, para levar até os alojamentos, a escola do Exército. Em tom de voz mais alto fala: *Durante uma semana passei pelos novos testes pra poder ficar, permanência ali no exército, fazia tudo bem-feitinho pra não errar e entre os muitos testes fomos levados até os hospitais, e foi ali que descobri uma coisa nova e boa de se fazer, ser enfermeiro*.

Após um longo período de dedicação, seu Tschã conta que mais uma vez foi selecionado para fazer parte então da corporação do Exército brasileiro em santa Catarina. Tschã lembra que do Alto Vale do Itajaí apenas ele e mais um rapaz permaneceram na corporação. Ele conta ainda que iniciou seus estudos na escola do Exército na área da enfermagem, permanecendo por mais um ano e meio, pois por motivos pessoais e sentimentais, teve de ir embora com sua família e com a família de sua namorada que vivia na aldeia, para uma Terra indígena de Palmas no estado do Paraná. A família de sua namorada foi exilada da T.I. Xokleng/Laklãnõ por motivos internos.

Nos relatos, o ancião conta que as famílias eram bastante próximas, sentiram as dores e seguiram juntas para outra Terra Indígena Kaingang. Passou-se algum tempo e Tschã, buscou no estado do Paraná uma escola do Exército brasileiro. Porém não era a mesma corporação e não dava para pedir transferência do Estado de Santa Catarina para o Estado do Paraná e dar continuidade. Passando-se alguns anos retornaram para a Terra indígena duque de Caxias, de Ibirama S\C, agora já não era mais SPI e sim FUNAI que cuidava da saúde e da Educação Escolar Indígena, do povo indígena em geral. E, seu Tschã com a experiência que havia tido no tempo que esteve no exército, se ofereceu para trabalhar na saúde. Participou de um processo seletivo, mas não foi classificado, porém não desistiu, como conta. Mais tarde, foi convidado a acompanhar o médico da FUNAI Doutor Paulo, numa expedição no estado de Mato Grosso do Sul, onde trabalhou como voluntário em uma Terra indígena. E lá, conseguiu uma vaga de estagiário na Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul (UFMS) sediada em Campo Grande, na área da medicina, com ajuda do médico da FUNAI. Com sorriso nos lábios conta: *meu conhecimento é todo adquirido na prática, nós treinávamos as cirurgias em*

galinhas mortas, o professor dizia que têm as mesmas camadas de pele, eu atendia os demais pacientes do hospital, aprendendo tudo na prática.

Após a expedição e o tempo de estágio na Universidade, seu Tschã mais uma vez veio para aldeia na Terra Indígena Ibirama, continuou como voluntário do médico da FUNAI. Conta que vendo todo seu esforço e conhecimento o Doutor Paulo, o indicou para trabalhar na FUNAI. Porém, era preciso ter algum certificado que comprovasse que seu Tschã possuía conhecimentos na área da saúde, então seguiu de volta para o estado do Paraná, para ter um certificado e poder trabalhar formalmente na FUNAI, fez seu estágio de conclusão de curso em enfermagem na cruz vermelha de Curitiba-PR. Em 1980 iniciou seu trabalho como Funcionário Público da FUNAI, atendia a toda população na Terra Indígena Duque de Caxias, fazendo desde pequenos curativos até os partos. E aposentou-se recentemente em 2017, mas ainda é muito procurado por todos da T.I. para fazer qualquer tipo de consulta ou procedimento.

Narrativa 3. Seu Willi Ndilli, 75 anos de idade, Plipatol (Barragem)

Figura 3- Willi Ndilli, janeiro 2020



Foto 4 e 5: Canan Tschucambang

As conversas com seu Willi Ndilli se davam em vários lugares da aldeia, mais com ênfase maior entre outubro até início de novembro de 2019. Seu Willi é uma pessoa muito respeitada dentro da nossa aldeia, foi um grande líder político durante décadas como cacique, e atualmente se dedica especificamente a igreja, onde é pastor de uma das igrejas evangélicas dentro da aldeia e também artesanato juntamente com sua esposa. Seus filhos e seus netos vivem espalhados por várias aldeias da T.I., é bastante convidado para palestrar nas escolas e recebe visitas frequentes de pesquisadores e representantes de ONGS, em questões da demarcação que nossa T.I. vive hoje em uma área de retomada (greve) desde 2014, na barragem, hoje aldeia Plipatól. Quando chegamos, meu esposo e eu, em sua casa na primeira visita, já estava anoitecendo, Melissa Monconã, seu Ângelo Nanblá, Dona Candinha Nanblá e seu Elizeu Teiê, ambos estavam na pequena cozinha sentados próximo do fogão a lenha, mesmo fazendo calor. Seu Willi nos convidou para entrarmos e continuou a conversa que estavam tendo. A conversa era sobre uma senhora que estava bem mal na UTI na cidade de Blumenau, a uns 80 km da Terra Indígena, cometida de um câncer no sangue, ele nos contou que haviam chegado a pouco, pois tinham ido visitar a senhora doente, e lamentavam entre si, e diziam que uma possível cura seria somente um milagre de Deus Seu Willi relata como eram feitas as orações antigamente *e dizia: as orações não eram feitas de qualquer maneira, o irmão se preparava muito. Lembra de um dos milagres o irmão Manoel Caxias Popó, maneca, já falecido ele se preparou durante quinze dias, jejuando e orando no monte, na taipa lá na aldeia sede, quando moravam quase todos índios lá. Quando foi chamado pra ir lá fazer a oração ele primeiro disse que iria se apresentar à*

Deus, pedir permissão e depois iria, segundo a vontade de Deus. E ao chegar o dia de orar por ela, o irmão levantou as mãos e falava em línguas estranhas, dos anjos, e na mesma hora a moça cuspiam bolas de sangue, sujeiras, e até ossos de animais saíam da boca dela, era obra de macumbeira.

Ao lembrar ele abaixava sua cabeça e balançava, como forma de confirmar o que dizia. Relembrou também que os mais velhos, tinham seus pastores, de preferência de confiança que oravam por eles. Em risos conta que, seu avô, *DI TÕ VÔ* (Dilli), queria que sempre, apenas seu Alfredo Patté, chamado por ele de *Cangô* ou *DJEN*, orasse por ele, que acreditava apenas nas orações de *DJEN*. Lembra dizendo: *uma vez meu avô estava doente e pediu pra mim vim lá da traíra, hoje aldeia Coqueiro, até lá na Gabiroba, hoje Aldeia Figueira, de a pé para chamar o DJÉN, para orar por ele, era muito longe e eu era bem pequenininho. Será que hoje nossos filhos fazem isso por nós?* Seu Willi fez uma pausa e olhou para meus filhos. - *Vim de baixo de sol quente, fazer isso pelo meu avô.* Complementou dizendo: *falei pro genro e pra filha da Darci, aconselhei pra eles valorizarem a mãe enquanto ela ainda está viva. Vão procurar um irmão para orar e pedir pela vida de sua mãe.*

Ao falar do genro e o amor que as famílias devem ter, lembrou-se dos casamentos de antes, começando pelo seu e de dona Maria, sua esposa, e começamos a rir, ele disse com sorriso no rosto: *ela era muito bonita e ela era difícil, nós namoramos durante 03 anos, nosso namoro era só visitar, olhar, dá uma risadinha pra ela e conversar com os veios dela (seus pais). Eu visitava ela duas vezes por mês, saíram muitas conversas, fofocas que o pai da Maria, o véio Vanhecu Patté, não aceitava nosso namoro, que quando eu fosse pedir ela em casamento, ele iria dar um tiro ne mim. Mas eu sabia que era mentira, por que quem não gostava de mim era os irmãos dela (risos).*

Seu Willi conta que sabia que seu Vanhecu Patté, pai de dona Maria, aprovava seu casamento por que segundo ele, tinha boa fama por ser um bom pescador e mesmo jovem eram um bom palmiteiro, pois encontrava palmitos facilmente e trazia um molho com 50 a 60 de cabeças de palmitos nas costas. Ele lembra que quando decidiu ir fazer o pedido ao “véio”, como disse. Ele prontamente aceitou. Dona Maria tinha por volta de quatorze anos e ele dezesseis. Um ano depois tiveram o primeiro filho. Em meio a conversa, seu Willi levantou e precisou se apoiar em sua bengala, reclamou de dor em sua perna direita, disse que estava doente e foi até o hospital de José Boiteux (cidade mais próxima) e fez uma injeção que segundo ele o prejudicou ainda mais,

desde então sente fortes dores na perna. Seu Willi continuou a andar, sorrindo e fazendo piada da situação, juntamente com seu Ângelo, outro ancião que o visitava. *Essas pernas já foram muito boas, me levava pra roça, levava para pescar e para o mato tirar o palmito.* Contava que era muito trabalhador e sua mãe então disse que estava pronto para se casar, e era assim que os pais também sabiam que o menino estava pronto para casar, quando já fazia os mesmos serviços que seu pai, sem precisar ser mandado. Lembra que casou aos dezesseis anos de idade, era um moço evangélico, segundo ele, mais tarde com após se casar, deixou de ir à igreja com sua esposa. Diz com tristeza em seu rosto: *carrego essa culpa até nos dias de hoje, por ter me afastado de Deus e ter perdido meu filho Livai com apenas nove anos de idade, ele teve apendicite e estourou dentro dele, foi Deus viu Canan e moça que fez isso comigo pra chamar minha atenção pra ele e voltar pra igreja de novo. Voltei para o senhor e nunca mais sai da presença do senhor.* Dito isso, aconselhou eu e meu esposo, que se realmente amamos nossos filhos devemos levá-los a casa de Deus, para que conheçam a verdade e permaneçam nela, e nós também, e assim Deus proteger de todo mal e dará saúde para toda família.

Até então não havíamos interferido no assunto ou sugerido, apenas me mostrava interessada em ouvir, mas decidi sugerir para que seu Ângelo também nos contasse como foi seu casamento com sua esposa Dona Candinha. Eles se olharam e começaram a rir! Seu Willi disse: *ele, seu Ângelo conquistou ela por ser violeiro, tocava, cantava e encantou ela e ainda hoje louvam ao senhor tocando seu violão.* Na sequência falou dos bailes, das diversões dos jovens de antigamente. Contou de um branco chamado Hercílio, que tocava gaita e fazia os bailes de antigamente, os índios o apelidaram de *KU VAGZUL (kul vagzul)*, que quer dizer cheio de roupas. Disse que chamavam ele assim porque ele se vestia com roupas gaúchas e usava três lenços no pescoço, um branco outro azul e terceiro, vermelho. E, conta que assim como Dona Candinha se apaixonou por seu Ângelo por ele tocar violão, uma índia chamada *KULÉ*, prima de dona Maria, se apaixonou por *KU VAGZUL*, por ele tocar gaita. Lembra que os bailes aconteciam na casa “*EN KUPLP*”, a primeira casa que o governo fez para os índios na aldeia. Segundo ele a casa era bem grande, que nela moravam várias famílias e ainda sobrava espaço para eles dançarem e se divertirem. A casa era assim chamada pela sua própria cor *EN KUPLI*, significa ‘casa branca’ no idioma Xokleng/Laklãnõ. Ali era o ponto de encontro, de diversão como os bailes, faziam-se cultos, e no pátio praticavam esportes como futebol outros que inventavam. Nessa mesma casa foi feito uma cancha de bocha, e no terreiro as meninas jogavam peteca, enquanto os meninos tinham um

jogo que era inventado por eles mesmos. *O jogo era basicamente: Colocava-se um sabugo de milho em um espaço de 30 metros de distância de cada jogador, e arremessado uma pedra no alvo que era o sabugo de milho, e quem derrubasse era o vencedor.* Conta seu Willi. Ele lembra ainda sorrindo: *as meninas que brincavam de peteca era a Du'ug (do macalete), Paclôn (roxinha), e a Du'ug (dugoreta), gostava mais de brincar e sair à noite.*

Seu Willi conta que com o passar do tempo ao lado da EN KUPLI, a comunidade se reuniu, roçaram e limparam o espaço, fazendo assim um campo de futebol, que mais tarde viria a ser o primeiro cemitério que existiu na aldeia. Mas, quando o campo foi inaugurado, seu Willi conta que foi convidado um time dos não indígenas do Rio da Lousa, uma comunidade que fica perto do município de Itaiópolis, perto da aldeia, ele lembra que o time veio de canoa pelo Rio Hercílio- *Os times dos índios usavam um lenço branco na cabeça para se diferenciarem, proteger seus cabelos. O primeiro time foi formado pelos índios: bispo, Ndilli kuita (Jesus), weitschá Priprá, Aimar kam-rém (nezin), Penbá, vaizinho, Bento (Tschucambang), Weitschá Patté (gigante), Cangui Kuita (canguizão), Di to vô, Weitschá Teiê. Depois começaram a sair para jogar futebol, pois se destacavam em seu futebol.*

Willi conta que o primeiro branco que apostou neles, se tornou uma espécie de empresário, o senhor chamado de Wiegant, da comunidade do Bom Sucesso que pertence ao município de Itaiópolis. Lembra que seu Wiegant levava o time com seu caminhão, para as refeições oferecia comida farta e com muita carne: *ele tinha um açougue e a carne é que nunca faltava. Tinha também dois filhos seus que sempre iam junto cada um tinha espingarda pendurada e uma faca, em segurança dos índios, também iam suas filhas, que junto com as mulheres indígenas faziam torcida.* Lembra que as mulheres brancas, filhas de seu Wiegant diziam para os índios: *não dá confiança pra essas coxas brancas! E as índias, lembra bem da tia Bigaira que dizia para o tio Pembá: To pãg, to pãg Pembá (chuta! Chuta! Pembá) lembra e dá risadas.* Em uma dessas saídas para torneios, uma ficou marcada, conta Willi. *Em Moema, também Itaiópolis em que o Weitschá Patté, chutou a bola que bateu em um galho de pinheiro araucária e foi tão forte o chute que quebrou um galho bem grosso. Deixando o time dos brancos perplexos, e isso é comentado até hoje, nas histórias do futebol, na aldeia e nos brancos.* No meio da conversa seu Willi começou a se mexer de um lado para outro reclamando de dor, dizendo que estava doente, ficando velho, entre um gemido e outra risada, lembra que seu aniversário seria no próximo dia três de novembro. E, fez então

um convite para eu e meu esposo para irmos a sua festa, após nos aconselhou novamente: *vocês dois ficam bem pra ficar velhinhos quem eu e a minha véia e dar bom exemplo para seus filhos e pra comunidade, continuam sendo simpáticos com as pessoas, assim que gostamos!*

Narrativa 4: Dona Neli, 83 anos, aldeia Sede.

Figura 3- Neli Ndilli, agosto 2018.



Foto 4: Josiane de Lima Tschucambang

A visita à casa de Dona Neli para essa conversa, transcrevo aconteceu nos dias 18 a 20 de agosto de 2018, porém outras conversas de davam em outros locais da aldeia. Dona Neli é uma anciã sábia que é muito conhecida na região por seus conhecimentos ade ervas medicinais, fazendo chás, massagens e por seus conhecimentos de muitos rituais de nosso povo, sendo umas das últimas pessoas que participaram e que conviveram com seus pais que praticavam esses rituais. Uma de suas atividades se é participar de palestras dentro e fora da aldeia, dividindo seu tempo assim, porém sempre

levando sua filha e seu esposo junto, e levando seus artesanatos que também faz parte de sua renda financeira e seus demais filhos e netos vivem em outras aldeias. Após nos receber e algum tempo de conversa, ela olhava para meu filho que estava correndo, brincando e começou a contar como eram realizados os para as crianças crescerem saudáveis em especial dos meninos até chegarem à idade adulta.

- *O primeiro é o batizado “PAZÉN”. Quando o menino ainda é bebê, é feito com a presença dos pais, não pode ser só com a mãe, e se o pai não estiver presente pode ser o tio da criança, da parte da mãe. Começa com a mãe da criança com ela no colo, sentados no chão, em meio dum círculo formado pelos membros da comunidade e quem faz o ritual, é uma mulher que tem uma cordinha feita de Ticún “Dé lãl zénh kónã”, (uma planta espinhenta, com folhas longas), e revestido com DÉJ, cera de abelha, para ficar mais forte. E é cantado um canto só para isso nesse ritual durante a cerimônia toda. Sempre começa pela perna esquerda, cantando, cantando e vai enrolando a cordinha, depois desenrola, passa para outra perninha, direita, cantando, cantando e enrolando, depois desenrola de novo, sempre cantando. Este canto não tem tradução, tem significados e sentimentos que não dá para traduzir.*

Dona Neli continua: *depois que canta, conversa com os pais, falando da importância desse ritual para os filhos deles, aconselhando que devem continuar com essa educação para o bem de seu filho, é preciso jogar o bebê pra cima conversando com ele, chamando pelo seu nome, explicando porque tem que fazer isso. Tem que jogar a criança pra cima e cada vez que joga chama o nome de um animal, dizendo: GUG VÃ KATELE, KÓJAL VÃ KATELE, TXAGONH VÃ KATELE. Dona Neli conta é preciso chamar o nome dos animais porque a vitalidade e a força estão com os animais, então ao chamar, o espírito dos animais vem até a criança e lhes dão tal vitalidade. Ela conta também, que essa prática é também para que os espíritos dos animais conheçam a criança e possam o proteger quando estiverem com dificuldades, as mais diversas. E quando enrolam o cordão na perna da criança é para que ela tenha resistência em suas pernas e nunca irão se cansar e jamais quebrará.*

Ela lembra também que há o ritual do **kynhkynh**, a passagem do menino para sua vida quase adulta, de preparação para caçar. Conta que sua mãe lhe contava que o pai da criança tinha que cortar uma árvore, chamada de “kámby”, a madeira de baga de macaco, tem esse nome porque tem as folhas os galhos descem até o chão enrolados, como se fosse um rabo de macaco. Dona Neli relata conforme sua mãe a ensinou: *tem que cortar a árvore e queimar e com o carvão que fica, amassa, formando um pó. E*

esse pó é colocado dentro de um corte bem pequeno que é feito no braço principal da criança, se é com o direito que ele mexe as coisas faz nesse braço, se é canhoto faz se nesse braço. O corte é feito de comprido, dois cortezinhos. Com risos diz minha mãe tinha a marca do ritual ainda em sua perna, e eu quando eu era pequena, era muito curiosa e fazia muitas perguntas pra minha mãe, daí que sei muitas coisas. Ela conta que sua mãe lhe ensinava que a marca da menina era feita na perna direita ao lado do joelho, feito também um corte e preenchido com o mesmo pó do KÁMBY, para resistência da mulher na hora da colheita. Ela não se aprofundou no assunto e voltou ao ritual do menino, dizendo que o ritual é algo sério e não uma brincadeira, como muitos no presente dizem. Ela lembra em tom afirmativo sobre a importância do ritual, que viu seu pai quase cair de um pinheiro bem alto e em meio a queda ele conseguiu se segurar em um galho e não chegou a cair no chão. Meu pai conseguiu enxergar o galho rápido quando estava caindo, porque minha avó também tinha feito nele o ritual para que ficassem com a vista rápida como de um animal, e firme. Ela conta que outro ritual também era feito para a criança ter agilidade. Com o mel de abelha, ainda no favo, só retiravam os filhotes e passavam nos olhos da criança e dava para que bebesse. Finalizando disse que: queria muito de poder fazer um deste ritual em uma criança, ajudando para que ele fique ágil e caçador e nunca se machucar e não ter medo de nada.

Leituras das falas

Ao observar todas as falas dos velhos com quem mantive contato de agosto de 2018 a início de novembro de 2019 mais precisamente, entre vários encontros entre 5 a 8 com cada um, em suas casas e muitas vezes em outros locais na aldeia, até porque nunca foi marcada data em horário para nossas conversas. Escolher as falas citadas acima foi para poder assim caracterizar os vários tipos de conversas que tive e também porque são histórias vividas que levarei comigo como estimular e símbolo de resistências daqueles que representam os demais anciões e anciãs na T.I. Laklãnõ, as todas falas se cruzam em muitos momentos. As falas dos velhos se remetem a um passado em que participaram, viveram as emoções que muitas vezes são de tristeza e poucas de alegria. As narrativas se deram em forma de aconselho para quem ouve. Mesmo que contam uma estória que seus pais, tios, avôs, membros da comunidade que

vivenciaram ou que também ouviram e recontam, sempre há um tom de veracidade, foi fatos que viveram, para que hoje pudéssemos ouvir e tomar como exemplo.

Em todas as conversas pude perceber que há grande preocupação com os saberes tradicionais, também com momentos vividos em um passado que não é tão remoto, mas que está ficando muito distante da geração presente, e muito mais com aqueles que ainda estão por vir. Essa preocupação que eles demonstraram me deixou ainda mais preocupada, pois os sujeitos pesquisados e outros velhos que vivem na T.I., Laklãnõ, vivem a mercê de um descaso total dentro da própria terra que lutaram para que hoje pudéssemos viver sobre ela.

A SESAI (secretaria especial de saúde indígena) disponibiliza uma vez por mês um atendimento voltado para quem é portador de pressão alta, de quem faz uso de medicamentos controlados e contínuo nos postos de saúde de cada aldeia, porém não há nenhum movimento de prevenção em relação a qualquer necessidade de um idoso no cotidiano. Segundo dados da Técnica de enfermagem Débora Martins, indígena responsável pelo SIASI (sistema de informação e atenção à saúde indígena), do polo base de José Boiteux, em 03 de dezembro de 2019, última atualização de dados, atualmente na Terra Indígena Laklãnõ tem 114 idosos⁵ vivendo nas oito aldeias.

Tabela de idosos da Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ⁶

Aldeia Plipatól\ kóplág	Aldeia Bugio	Aldeia Coqueiro	Aldeia Figueira	Aldeia Palmeira	Aldeia Pavão	Aldeia Sede	Aldeia Toldo
22	12	15	15	14	14	20	02
Total de idosos:	114						

Observando isso, percebo que é necessário que haja dentro da T.I., um engajamento através de políticas voltadas especificamente para com os nossos velhos, da parte da SESAI órgão que representa a saúde indígena também a instituição escolar indígena, não dão o apoio necessário para que os anciões possam estarem em boas

⁵ Idoso para o Povo Xokleng/Laklãnõ, se refere aquelas pessoas que estão com idade superior aos 65 anos.

⁶ Distribuição de idosos por aldeia. Fonte: SIASI, José Boiteux (2019).

condições para transmitirem seus conhecimentos e saberes, não há nenhuma medida de prevenção em pró eles. Há de se pensar e reconhecer que com nosso ancião está todo conhecimento tradicional com as ervas medicinais, como trago nos relatos dos anciãos, onde eles relatam que cultivam as ervas em seus quintais ou conhecem locais na mata para retirarem, mantendo e transmitindo aos filhos, aqueles que ainda se interessam. Pois é comum e mais fácil buscar um medicamento na farmácia do polo base, do que manejar e preparar uma erva para um tratamento. Muitas vezes as doenças que os velhos têm são psicológicas que vai seguindo e se torna uma doença crônica, eles se sentem inúteis por não estarem transmitindo seus saberes. E como consequências acabam deprimidas se intoxicando com remédios químicos e alimentos inadequados, levando-os a desenvolver a diabetes, o colesterol e pressão alta, sem contar que as mortes dos velhos na T.I., é em sua maioria de complicações renais, pedra na vesícula por excesso do consumo de sal, e não é tomada nenhuma medida cautelar para prevenção.

Já a educação escolar indígena, por sua vez, mante-se o conhecimento tradicional apenas em aulas de artes indígenas e na língua materna Xokleng, mantida entre quatro paredes com um professor em 45 minutos de aulas, duas vezes por semana. Mantendo assim o que o estado brasileiro propõe, com tempo determinado e professor com certificação. Esquecendo e deixando de lado aqueles que são conhecedores e protagonistas da própria história, construída a partir de sua resistência, os velhos. Tornando-os invisíveis, ocultando seus saberes. Sendo que as escolas indígenas poderiam promover encontros periódicos, ou em locais que foram palcos de massacres e também de conquistas e ter aulas com os mestres do conhecimento de seu povo, isso seria prazeroso ao velho e muito importante ao aluno que iria conhecer uma história milenar contado por um remanescente.

Desconstruir o pensamento de que o que está escrito por um não indígena é certo e verdadeiro nas escolas e no polo base da saúde indígena, é necessário e urgente. Nós enquanto profissionais que atuamos nessas áreas podemos juntamente com nossas lideranças criar nossas próprias formas de trabalho com os velhos. Mostrar que o conhecimento está em nossa própria comunidade guardado com os velhos, não apenas em livros didáticos ou em uma receita médica.

Propor que a igreja evangélica se una nessa missão é de suma importância, porque a comunidade indígena Xokleng\ Laklãnõ é de 90% evangélica e se prende muito em o que é pecado ou não, o que causa um distanciamento do nosso passado

místico, nas crenças e nos saberes e rituais que eram praticados. Nos relatos da dona Neli pode-se perceber que temos exemplos nítidos disso, onde podemos prevenir doenças desde que uma criança nasce e preparando conforme a necessidade para se tornar um adulto de bem em seu corpo físico e social. Hoje não realizamos mais o ritual de batizado, há mais de 4 décadas, e são poucos os velhos que ainda sabem preparar esse ritual, aqueles que ainda sabem são líderes evangélicos, pastores e se reprimem, e não realizam o batizado tradicional Xokleng, acabam seguindo as doutrinas da igreja, realizando o batizado como os não indígenas. E isso se torna uma teia confusa aos jovens que não sabe mais no que crer ou praticar. Unir esses conhecimentos, crenças e caminhar juntos é necessário.

Essa forma de pesquisa que realizei, nesse curto tempo me proporcionou grande conhecimento e realização pessoal, enquanto nora, sobrinha, filha, neta, mãe, mulher e membra da comunidade. Sentir a emoção de um desabafo do velho em ser visitado em ser visto por alguém da comunidade, é um sentimento único, eles demonstram que ainda estão ali prontos para nos contar, nos aconselhar e fortalecer nossos laços enquanto indígena. Nas narrativas era possível perceber que os velhos se remetem ao passado ou a um momento que estão passando, de solidão em seu próprio lar, pois dos quatros velhos com quem conversei dois ainda cuidam de seus filhos que são portadores de necessidades especiais, frequentam a APAE do município a que a Terra Indígena pertence. Os velhos mesmo precisando de assistência, ainda atendem seus filhos com muito cuidado como se fossem ainda crianças. No campo, ao narrar suas histórias, percebia que isso os motivava em compartilhar as histórias de nosso povo e os remetiam ao passado que os libertava de serem apenas velhos sem utilidade alguma, que ainda podem e devem ser uteis por simplesmente contar como chegaram até aqui e se apresentarem enquanto guardiões de saberes milenares.

Os outros dois velhos moram com filhos e netos em suas próprias casas, pois demonstram como outros velhos da T.I., que os filhos sempre são crianças, independente se já tem filhos ou não. Os filhos vivem com seus filhos junto e partilham os alimentos e cuidam de seus pais, nunca como forma de pagamento ou favor, toda forma de conviver é recíproca e verdadeira.

Contudo, saio dessa pesquisa com um encorajamento ainda maior e persistência de buscar, prosseguir em levar adiante essa visão que tive o prazer de sentir e vivenciar com os velhos da T.I., as estórias contadas e levar adiante, buscando caminhos para registrar guardar os saberes desses que ainda estão entre nós.

Volto novamente há reflexão voltada ao povo indígena Xokleng/Laklãnõ, que assim como muitos povos indígenas passou por um processo da pacificação ainda na época da ditadura militar no Brasil. E entre muitas mudanças passaram a ter uma educação escolar assim como muitos brasileiros, a partir de 1967 quando o órgão SPI foi extinto, o governo fundou a FUNAI para que cuidassem das questões indígenas que tinha como base o catolicismo ainda nas terras indígenas. Na década 1990 a educação escolar passou para o MEC, que visava à participação das comunidades indígenas, e propunham que os indígenas teriam voz na construção de uma educação escolar indígena diferenciada, inspiradas em ações afirmativas norte-americanas desenvolvendo-se dentro da criação da lei de diretrizes e bases da educação nacional- nº 9394\96 (LDBEN), que de certa forma expandiriam sua cultura e reafirmariam.

Segundo, Moura (2005) apud Faustino (2006), “a prática do conhecimento ancestral se dá pela transmissão de mitos, reatualizados nos ritos através do corpo pelos cantos e danças.” E esse tipo de conhecimento continua em todos os grupos de indígenas espalhados por todo Brasil, onde reafirmam suas identidades, trocas de conhecimento de seus ancestrais. E a presença de anciões de um povo em espaços com jovens são propícios, pois essa transmissão dos ancestrais que eles trazem é única.

[...] formulação e implementação de uma “política de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição a política e promoção dos direitos assistencialistas”, assegurando “às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada, respeitando seu universo sociocultural”. (BRASIL, 1998, p.32).

Segundo Meliá (1970) “os saberes passados dos mais velhos para os mais novos representam formas próprias de resistência ou de mudança. Levando em consideração que as palavras trazem múltiplas manifestações”. Então percebi que trazer o velho para as escolas, transmitir a literatura oral aos alunos e depois transformar em escritos em forma de literatura nas escolas da T.I. Laklãnõ seria um início e incentivo as novas gerações ouvindo os velhos que trazem consigo sentimentos e ações abstratas, uma vez que a comunidade tem a escola como foco em transmissão e aquisição de conhecimento, sendo um lugar ocupado substituindo os rios, as matas que esse povo perdeu ao longo do contato com não indígena.

Reafirmando ainda mais, Mundurucu (2010), entende que, os velhos são as memórias de um povo, com voz da experiência que transmitem, explicam as crianças os conhecimentos de seu povo afim de que suas culturas continuem e perpetuem para as

próximas gerações. Ainda, segundo Daniel, o conhecimento na sociedade indígena é dominado pelos mais velhos. “Mesmo que uma pessoa saiba todas as coisas sobre o seu povo, sobre a sua tradição, se houver alguém mais velho presente naquele espaço, é de direito que o mais velho responda o que lhe foi perguntado”.

Os caminhos percorridos pelas memórias dos anciões

As memórias que os velhos trazem sempre são de que: “antes não era assim, tudo era diferente do que hoje”. Não que queiram mudar esse passado que viveram, porém chamam atenção que hoje vivem como coadjuvante de suas próprias histórias e que essa realidade que vivem não é objetiva e que poucas vezes é comunicada e compreendida pela própria comunidade. A transmissão do conhecimento tradicional se dá através dessas memórias de suas tradições como um todo, no âmbito de crenças e vivências cotidianas. Um elemento cultural que ainda se mantém forte é a mitologia, os rituais e os costumes são feitas de forma oral, e são os idosos que lutam para suas existências, mesmo que através da oralidade. Para os indígenas em geral a figura do ancião é vista como um arquivo vivo, que englobam várias formas de viver na aldeia assim como a medicina tradicional, por onde acontecem as curas, através das rezas, com os conhecimentos e o manejo das ervas, envolvendo os cantos e as danças, como forma de voltar ao passado. Durante esses rituais, narram através de cantos, que não tem tradução, recriando o um momento, lembrando-se de pessoas quem passaram por aqui, que os ensinaram.

Trago também em minha pesquisa um exemplo claro disso, com a anciã Neli Ndili, onde a mesma canta durante o ritual do batizado da criança Xokleng /Laklãnõ. Traz também conhecimentos de ervas medicinais que seria um reconhecimento que as famílias deveriam ter como forma de cultura e praticar, porém, esses remédios tradicionais são substituídos por remédios de farmácias, esquecendo que são importantes esses usos dessas ervas se deram também pelo desmatamento e o difícil acesso às matas nativas devido às intervenções que essa T.I sofreu ao longo dos anos.

Impactos das igrejas evangélicas na cultura tradicional Xokleng/Laklãnõ

A religião evangélica Xokleng/ Laklãnõ, se deu ainda na década de 1940, ainda na época do SPI, com então pastor Lauro Koink, um missionário que veio a chamado do pacificador Eduardo, para atuar como enfermeiro e passou a desempenhar função de missionário, construindo a primeira igreja, conhecida como igreja amarela, por ter as cores das paredes amarelas. Daí a diante foram cada vez mais indígenas se convertendo a essa nova crença, o cristianismo. Que pregava a crença de que existia apenas um só Deus, um único salvador que fez os céus a terra, que curava de suas enfermidades, que os libertava de todas as iniquidades, deixando de lado suas crenças e ritos tradicionais, não praticando seus rituais seus cantos e suas rezas como antes.

Trouxe também uma doutrina que provocou muitas mudanças no comportamento dos indígenas da época, esses que hoje são nossos anciões, que lutam para tentar revitalizar seus costumes e tradições, refletindo na juventude atual. Uma das mudanças sofridas está à fala da língua materna, que para saberem ler e interpretar a bíblia sagrada eram preciso saber a língua do não indígena, a língua portuguesa, hoje os próprios seguidores e pastores desse evangelho buscam trazer para ser praticada dentro das igrejas a língua materna, através de traduções de hinos gospel para serem entoados durante os cultos.

Houve um distanciamento tanto familiar quanto de moradia também dentro da T.I., antes se encontravam diariamente ao redor do fogo para recordar histórias, praticar rituais, pois viviam sempre todos juntos, quando não moravam nas mesmas casas. Após o encontro com evangelho teriam de ter tal prudência e se encontrar duas ou três vezes por semana, em poucas horas nos cultos e seguir depois para suas casas viver cada qual com sua vida.

Os trajes típicos antes usados foram banidos do vestuário indígena, por ser considerado pecado, como os ritos, as danças e o uso de ervas medicinais, porque teriam de invocar outro ser, pedindo-lhe proteção e sabedoria.

Hoje, no entanto, tudo que se perdeu ao longo de décadas busca-se revitalizar, com a ajuda de alguns sacerdotes das igrejas, desmistificando a ideia de que tudo é ou era pecado. Os jovens que participam dos encontros da igreja são os mesmos que nas escolas revivem o passado quase esquecidos seus ancestrais através dos ritos. É possível afirmar que através dos jovens indígenas possamos levar a sabedoria e experiência dos velhos.

Considerações finais

Ao finalizar esses relatos de pesquisas que transcrevi ao longo desse trabalho, lavarei comigo para minha vida todo aprendizado de falas de modos de conversas, todos conselhos a mim transmitidos como pessoa, mãe, parte da mesma comunidade e também como uma pesquisadora indígena, que me encontrei ao transcrever todos saberes. Cada conversa a mim dirigida me transformou em alguém diferente, aprendi a olhar aos sábios e anciões com quem convivo em minha T.I, de forma mais prazerosa, pois com eles revive momentos que pensei jamais reviver, que é de sentar sem hora e tempo marcados, assim como outrora vivia em companhia de meus avós, tempos que conversar ao redor do fogo, comer um peixe, fazer um chá era tudo espontâneo, sem pensar que o amanhã seria diferente.

Minha escolha de dividir e aprender novamente com esses 04 anciões da minha T.I. foi imensamente certa, representei através de cada um deles, um tipo de anciões que ainda resiste e faz diferenças, desde grandes líderes políticos e evangélicos, avós que dedicam seu tempo a seus filhos netos a artesões a conhecedores de nossa riqueza ritualística e mitológica.

Referências

Barroco, S. M. S., Chaves, M., Faustino, R. C. (2008). Leitura, escrita e bilinguismo na educação escolar indígena. In Faustino, R. C. Buratto, L. G., Chaves, M., Barroco, S.M. S. *Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico Cultural* (pp.153-168). Maringá, Brasil: Eduem.

BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília, Brasil.

BECKER, Í. I. B. O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1995. [Original de 1976].

BERTAUX, D. La perspective biografica: validez metodológica y potencialidades. Paris: Presses Universitaires de France, 1980. (Cahiers Interantionaux de Sociologie, v. LXIX).

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARVALHO, JOSUÉ. *Releituras do passado no presente: os etnosaberes nas narrativas de anciões Kaingang do sul e sudeste do Brasil contemporâneo*. Dissertação, 2012.

GLAT, R.; SANTOS, R. da S.; PLETSCHE, M. D.; NOGUEIRA, M. L. de L.; DUQUE, M. A. F. T. O método de história de vida na pesquisa em Educação Especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 10, n. 2, p. 235- 250, 2004.

MELIÁ, B. (1979). *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola (Coleção "Missão Aberta").

MUNDURUKU, Daniel (2005). *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Nobel.

Manen, M.V. (1990). *Researching lived experience: human Science for an action sensitive pedagogy*. The state University of New York.

QUEIROZ, M.I.P. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*, (1998)

SPINDOLA, TELMA. SANTO, S.S. ROSÂNGELA. (2003). *Trabalhando com história de vida: Percalços de uma pesquisa (dora)*. *Revista de enfermagem USP*.

SIMAS, H. C. P.; PEREIRA, R. C. M. *Desafios da Educação Escolar Indígena*. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, n. 11, Ano 2010.

SESAI, (Secretaria especializada na saúde indígena) SIASI, (Sistema de informação e Atenção à saúde indígena), Polo Base, José Boiteux, 2019.